



A G. . D. . G. . A. . D. . U

Á Aug. . e Resp. . Loj. . Simb. . ESTRELA DO NILO nº 3019.

S. .

F. .

U. .

Am. . Ir. . Marechal Floriano Peixoto V. . M. .

Am. . Ir. . Benjamin Franklin 1º Vig. .

Am. . Ir. . George Washington 2º Vig. .

Meus queridos e AAm. . Ilr. .

Trabalho do Ir. . Apr. . Maç. . José Bonifácio de Andrada e Silva



José Bonifácio de Andrada e Silva

Que José Bonifácio de Andrada e Silva foi o Patriarca da Independência todo mundo sabe. Agora, o que raras pessoas têm conhecimento, é que esse verdadeiro herói nacional, além de hábil político, que ao longo de sua vida buscou de forma corajosa defender os interesses da nação, antes e depois da nossa Independência, desenvolvendo importante papel na formação do Brasil, foi também abolicionista, naturalista, minerólogo, poeta, (usando o pseudônimo de Américo Elísio), advogado, filósofo e Grão Mestre da Ordem Maçônica do Brasil, (Grande Oriente), responsável pela iniciação de D. Pedro I, que adotou o nome heróico de Guatimozin.

José Bonifácio era membro de uma família integrante da aristocracia portuguesa, nasceu em Santos, no litoral da então Capitania de São Paulo, no dia 13 de junho de 1.763. Em 1.777, foi para a cidade de São Paulo, onde freqüentou aulas de gramática, retórica e filosofia como ensino preparatório para o ingresso na universidade. Em 1.780, viajou para Portugal, matriculando-se na Universidade de Coimbra nos cursos de Filosofia Natural e de Direito Canônico, nos quais se formou, respectivamente, em 1.787 e em 1788.

No século XVIII, a exploração de minas conheceu um auge considerável devido ao crescimento das necessidades ligadas à revolução industrial. José Bonifácio especializou-se em mineralogia e minas, tendo sido admitido como sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa (1.789), onde atingiu o cargo de Secretário perpétuo (1.812). Integrou o grupo de intelectuais que se reunia em torno de Domenico Vandelli, partilhando a visão de que o domínio da natureza era capaz de gerar riquezas e que, portanto, necessitava ser conhecido e explorado cientificamente.

Entre 1.790 e 1.800, viajou pela Europa como bolsista (naturalista e mineralogista) da Coroa, tendo freqüentado aulas e academias na Alemanha, Bélgica, França, Holanda, Itália, Hungria, entre outros. Retornando a Portugal,

ocupou a cátedra de Metalurgia, especialmente criada para ele, na Universidade de Coimbra (1.801), sendo, em seguida, nomeado Intendente Geral das Minas e Metais do Reino, pela Carta Régia de 18 de maio de 1.801. Ocupou ainda outros cargos em Portugal, como os de membro do Tribunal das Minas, administrador das antigas minas de carvão de Buarcos, diretor do Real Laboratório da Casa da Moeda.

À época da Guerra Peninsular, alistou-se no exército português, tendo combatido as tropas de Napoleão Bonaparte e alcançado a patente de tenente-coronel.

Retornou ao Brasil em 1.819, tornando-se um dos elementos de confiança do Príncipe-regente D. Pedro de Alcântara e um dos artífices da Independência. Nesse contexto, tornou-se vice-presidente da junta governativa de São Paulo (1.821).

Com a declaração da Independência do Brasil (1.822), foi nomeado Ministro do Interior e dos Negócios Estrangeiros. Eleito, no mesmo período como Deputado à Assembléia Constituinte, as suas idéias liberais conduziram à sua demissão do Gabinete em julho de 1.823, e à sua detenção, após a dissolução da Assembléia pelo Imperador, em novembro do mesmo ano. Banido para a França (1.823), viveu no exílio próximo a Bordéus até que, em 1.829, lhe foi permitido retornar ao Brasil. Com a abdicação de D. Pedro I (1831), foi nomeado tutor de seu filho, o futuro D. Pedro II. Novamente detido em 1.833, pelo regente Diogo Antônio Feijó, que o destituiu do cargo sob a acusação de conspirar para o retorno de D. Pedro I, abandonou a vida política e passou o restante de seus dias em reclusão na ilha de Paquetá, no interior da Baía de Guanabara, onde veio a falecer no dia 06 de abril de 1.838, na idade de 75 anos. Embalsamado, fora o seu corpo trasladado, três dias depois, para o Rio de Janeiro, e depositado na Igreja da Ordem Terceira da Nossa Senhora do Carmo, onde ficou exposto até o dia 25 do mesmo mês, data em que sua filha, D. Gabriela Frederica Ribeiro de Andrada, o trouxe para Santos, sendo sepultado na capela mor da igreja Nossa Senhora do Carmo, segundo sua expressa disposição testamentária.

Atualmente, seus restos mortais jazem ao lado dos despojos de seus ilustres irmãos, Antônio Carlos, Martim Francisco e o padre Patrício Manuel, num monumento situado em Santos, na Praça Barão do Rio Branco, no. 16, denominado Pantheon dos Andradas, o qual foi inaugurado no dia 07 de setembro de 1.923, muito mais que um lugar misterioso, é um templo consagrado à memória de três insignes santistas que amaram a Pátria com entranhável.

AAm.'. IIR .!.

Falar de José Bonifácio de Andrada e Silva como irmão é lembrar que em 17 de Junho de 1822, fundou-se a primeira obediência maçônica no Brasil.

Os Maçons do Rio de Janeiro resolvem criar uma Obediência Maçônica no Brasil. A 17 de junho, segunda-feira, (Ata da 1º sessão), a Loja Comércio e Artes da Idade de Ouro, única existente até este dia e regular no Oriente do Rio de Janeiro, fundava e instalava o Grande Oriente Brasílico ou Brasileiro.

Por aclamação da assembléia geral é aclamado Grão-Mestre José Bonifácio de Andrade e Silva, que usava o nome histórico de Pitágoras. O cargo de Delegado do Grão-Mestre seria ocupado pelo Marechal Joaquim de Oliveira Álvares. O cargo de Primeiro Grande Vigilante, seria ocupado por Joaquim Gonçalves Ledo (Irmão Diderot) O cargo de Segundo Grande Vigilante, seria ocupado por João Mendes Viana (Irmão Gracco). O Rito Moderno passa a ser o Rito oficial do Grande Oriente. A Loja Comércio e Artes, cuja atuação era das mais importantes, dividiu-se em três para dar lugar à instalação do Grande Oriente. Vale acrescentar que José Bonifácio de Andrade e Silva, não se encontrava presente a sessão que o aclamou Grão-Mestre, sendo proposto pelo Presidente da Sessão Irmão Gracco (João Mendes Viana) que se aplaudisse tão distinta escolha com a bateria de costume e se despachasse uma comissão para comunicar-lhe do sucesso e rogar-lhe o seu comparecimento, para prestar o juramento de tão alto emprego. Foram nomeados os Irmãos Diderot e Demetrio, e voltaram informando que o Grão-Mestre por motivos de obrigações a que chamava o seu emprego civil, não podia comparecer que aceitava aquele com que esta Loja o honrava e agradecia, que prestava a todo o Corpo Maçônico Brasileiro mais cordial amizade e todos os serviços que lhe fossem possíveis.

Nota: Sabe-se que o Grão-Mestre José Bonifácio de Andrade e Silva, era completamente leigo em matéria de estrutura e funcionamento dos sistemas maçônicos em uso, servia ele unicamente como figura decorativa, pois com a evidente quebra das normas ritualísticas, o Primeiro Grande Vigilante, Joaquim Gonçalves Ledo, ficava sentado a seu lado para o orientar sobre os procedimentos. Consta que o Delegado do Grão-Mestre Marechal Joaquim de Oliveira Álvares estava na sala dos Passos Perdidos aguardando que o viessem chamar para prestar seu juramento, e só depois de ter cumprido esse dever solicitou permissão para retirar-se.

Conclui-se que tudo isto estava previsto por Gonçalves Ledo. Sabia ele que José Bonifácio aceitaria o convite para ser aclamado Grão-Mestre, para melhor controlar e reduzir a ação da maçonaria, sabia também que o Marechal Joaquim não exerceria nunca o cargo de Delegado do Grão-Mestre, sabia ainda que conservando para si o cargo de Primeiro Grande Vigilante continuaria a ser o chefe e a alma do movimento. É importante acrescentar que não existe um ato, um documento, que indique onde e como foi José Bonifácio de Andrade e Silva iniciado na maçonaria, antes da fundação do Grande Oriente. Sendo a Maçonaria uma instituição que obedece rigorosamente a escala hierárquica, que estabelece uma serie de graus e títulos que marcam os conhecimentos e responsabilidades de seus membros, como foi possível conduzir José Bonifácio ao alto cargo de Grão-Mestre, não sendo ele maçom? Sabe-se que Gonçalves Ledo era por demais rigoroso na admissão de novos membros e chegava ao ponto de impedir que legítimos maçons tivessem acesso aos quadros das Lojas, unicamente porque não podiam apresentar seus Diplomas em ordem. Sabe-se também que Gonçalves Ledo era um homem sem ambições e tudo fazia para realizar seu ideal de viver em uma pátria livre. Ele criaria juntamente com outros uma Potência Maçônica Independente, genuinamente brasileira, livre da tutela de outros poderes. José Bonifácio era um homem respeitável e respeitado, desfrutava de uma enorme projeção internacional pela sua honradez e pelo seu saber, sendo por conseqüência o nome mais indicado para exercer o cargo de Grão-Mestre. Gonçalves Ledo sabia que se fizesse o Ministro José Bonifácio chefe da maçonaria brasileira conseguiria atrair o Príncipe Dom Pedro I para a Sublime Ordem Maçônica.

Bibliografia:

Pinto, Teixeira. A Maçonaria na Independência do Brasil 1812 - 1823. Editora Salogan Ltda. Rio 1961.

Rios, Antônio Carlos. Carneiro, Jeová Neves. Relato Histórico das Potências Maçônicas do

Brasil. Janeiro de 2006.